

Provocações do contexto, interiorização universitária e agendamento institucional: tendências dos Estudos Fronteiriços no Brasil¹

Adriana Dorfman²

Arthur Borba Colen França³

Resumo: Por meio do emprego de métodos qualitativos e quantitativos analisamos pesquisas e pesquisadores que lidam com Estudos Fronteiriços recentes (desde 1990) no Brasil. A informação tem sido coletada à medida que se constrói a base de dados “Unbral Fronteiras – Portal de Acesso Aberto das Universidades Brasileiras sobre Limites e Fronteiras”. No processo, estudiosos do tema das fronteiras foram listados e pediu-se que os mesmos respondessem um questionário. A lista e as respostas permitiram construir um mapa da distribuição espacial dos experts e de seus estudos (ligados principalmente aos arcos Sul e Central) e identificar os principais tópicos (integração; cultura transfronteiriça; infraestrutura e seus limites; fronts) e temas emergentes (fronteiras não-estatais e não administrativas). Concluimos não haver uma metodologia ou uma teoria consensual. Concluimos também tratar-se de um campo de pesquisa em crescimento e haver uma compreensão sólida do objeto (a fronteira internacional). Conceitos (fronteira, limite, cidades-gêmeas) e regionalização (faixa de fronteira, os 3 arcos, díades) são prevalentes e mesmo paradigmáticos. Concluimos que, no Brasil, os Estudos Fronteiriços são um campo de estudos ligados ao contexto marginal de seus pesquisadores. Além disso, encontramos correlações entre as pesquisas e as políticas públicas orientadas para as fronteiras, como comentários ou proposições. Finalmente, concluimos que os estudiosos do tema “Fronteiras” tendem a ser politicamente engajados com seu objeto, o que se expressa em pesquisa situada.

Palavras-chave: Fronteiras; limites; frentes; produção científica.

Provoking context, interiorization of universities and institutional agendas: Border Studies tendencies in Brazil

Abstract: This paper draws on qualitative and quantitative methods for analyzing research and researchers dealing with recent Border Studies (since 1990) in Brazil. The information has been collected while building the database "Unbral Fronteiras – open access Portal of the Brazilian universities on borders and limits". In the process, borders scholars were listed and invited to answer a questionnaire. The list and the answers helped to draw a map of the spatial distribution of the experts and of their studies (linked mainly to the South and Central Arches) and to identify the main topics (integration; cross-border culture; infrastructure and their limits; fronts) and emerging themes (non-State and non-administrative borders). We

1 Uma versão anterior desse artigo está no prelo no livro *Geografia política, geopolítica e gestão do território: racionalidades e práticas em múltiplas escalas*, organizado por Augusto César Pinheiro da Silva.

2 Professora adjunta do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. adriana.dorfman@ufrgs.br

3 Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Bolsista do projeto Unbral Fronteiras – Portal de Acesso Aberto das Universidades Brasileiras sobre Limites e Fronteiras. arthurborba@outlook.com

conclude there is no methodology nor a consensual theory. We believe that this is a growing field of research and that its center is clearly understood: the international border. Concepts (border, limit, twin cities) and regionalization (border strip, the three arches, dyads) are shared. We conclude that, in Brazil, Border Studies mirror the marginal context of its researchers. In addition, we found correlations between research themes and public policies oriented towards the borders. Finally, we conclude that the scholars dedicated to borders tend to be politically engaged with its object, which is expressed in situated research.

Keywords: Borders; boundaries; fronts; scientific production.

Introdução

Muitos trabalhos sobre a fronteira brasileira começam com uma *narrativa de grandezas*: quase 17 mil quilômetros, 11 estados, 10 países, 588 municípios. Essa recorrência indica que os autores creem que esse espaço é pouco conhecido, apesar de sua extensão, e combatem uma sub-representação dos lugares fronteiriços na academia. De fato, os Estudos Fronteiriços brasileiros não se equiparam à extensão da fronteira, mas mostraremos que possuem expressão em número de pesquisadores, instituições e produção teórica.

Descreveremos qualitativa e quantitativamente a implantação das pesquisas sobre a fronteira brasileira, delimitando os Estudos Fronteiriços no Brasil e examinando sua coerência interna em termos teóricos, organizacionais e geográficos. Empregamos técnicas bibliométricas, analisando a frequência de palavras em linhas de pesquisa, tomadas como metadados capazes de representar uma coleção de ideias de uma determinada comunidade de cientistas e as associações constantes entre os conceitos que delinham determinadas áreas temáticas, campos ou disciplinas científicas (SEMELER; SANTOS; SOARES, 2015). Exploramos a distribuição espacial dos resultados de um *survey*. Os resultados são apresentados e analisados por meio de tabelas, esquemas, cartogramas e nuvens de palavras, expressando a organização do Unbral Fronteiras – Portal de Acesso Aberto das Universidades Brasileiras sobre Limites e Fronteiras (<http://unbral.nuvem.ufrgs.br/site/>), iniciativa apoiada pelo Ministério da Integração Nacional.

Pressupomos que o estudo das fronteiras é um campo emergente no Brasil, tomando como evidências os pesquisadores, programas de pós-graduação, linhas de pesquisa, eventos e publicações que se apresentam centralmente a partir desse assunto e palavra-chave. Tais elementos descrevem a dinâmica da produção da pesquisa.

Delimitar o campo de pesquisas é um desafio, pois qualquer pessoa que já tentou fazer um levantamento bibliográfico sobre o objeto fronteiras (internacionais, territoriais) sabe da grande revocação que a palavra possui. Isso quer dizer que uma pesquisa com esse termo apresenta muitos resultados irrelevantes para os nossos objetivos, pois a palavra tem muitos significados diferentes.

Na Classificação Decimal Universal (CDU), esquema hierárquico e analítico-sintético com 70.000 classes recobrimo todos os campos do conhecimento, usado por nós nas buscas em bibliotecas físicas, o termo *fronteira* recebe o número 341.222 quando tratado como um tópico do Direito Internacional, subdividindo-se em Fronteiras Artificiais, Fronteiras Estratégicas, Fronteiras Fechadas, Fronteiras Históricas, Fronteiras Nacionais ou Fronteiras Naturais. Essa taxonomia reflete a teoria clássica das fronteiras, mas não dá conta de avanços na discussão ocorridos desde a virada do século, quando oposições entre o natural e o artificial

nas fronteiras políticas deixaram de ser relevantes⁴.

Assim, fez-se necessário um esforço de pesquisa para delimitação dos contornos externos do tema e de sua organização interna. Optamos por definir, de forma coletiva, o que constitui, afinal, o objeto dos Estudos Fronteiriços. Reunimos as dúvidas surgidas nos primeiros meses de trabalho no Unbral Fronteiras e formulamos um *survey* para especialistas (o Questionário para Experts em Estudos Fronteiriços). A pesquisa foi aplicada entre 07 e 30 de agosto de 2014, tendo sido enviada para 182 pesquisadores, sendo respondida por 94 destes.

Como etapa da descrição do campo, buscamos identificar quem são os pesquisadores que se dedicam ao tema no Brasil. Fizemos buscas nos diretórios de grupos de pesquisa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), identificando os programas de pós-graduação que apresentassem a palavra *fronteira* em sua denominação ou em alguma de suas linhas de pesquisa, e listamos os investigadores ligados aos mesmos.

Enviamos e-mails a esses colegas e tabulamos suas respostas ao questionário. A busca nos diretórios e a análise das respostas ao *survey* permitiu tirar conclusões sobre a distribuição institucional e regional dos pesquisadores, o que analisamos na seção seguinte.

Na terceira seção deste texto, identificamos os temas mais frequentemente trabalhados pelos pesquisadores de fronteira das universidades brasileiras e as colindâncias dos Estudos Fronteiriços. Na quarta seção, discutimos os conceitos em uso hoje pelos pesquisadores em seus estudos e as emergências nesse campo temático. Como considerações finais, na última seção tratamos brevemente da dinâmica dos Estudos Fronteiriços brasileiros diante de algumas teorias sobre a ciência contemporânea.

Tomamos como referência a experiência dos pesquisadores ligados ao projeto e que com ele dialogam para estabelecer o ano de 1988 como marco da retomada dos Estudos Fronteiriços no Brasil. Esse é o ano da redemocratização brasileira e da assinatura do Tratado de Cooperação e Integração entre Brasil e Argentina. Tal acordo marca a passagem de um ambiente nacional-desenvolvimentista para outro integracionista, sincronizando os processos continentais aos impulsos globalizantes, com seus efeitos na redefinição do caráter e funções desempenhados pelas fronteiras.

Distribuição espacial dos pesquisadores e linhas de pesquisa dedicados à fronteira

A partir do Questionário para Experts em Estudos Fronteiriços foi possível tabular os estados e municípios em que trabalham os pesquisadores, conforme as Tabelas 1 e 2.

4 Reitera-se a resistência da “fronteira” a classificações apressadas ao constatar-se que outras ocorrências dessa palavra na CDU indicam 1. auxiliares de lugar para “fronteiras e formas espaciais variadas”, colocados depois dos números que identificam continentes, países e regiões (549.1A é a fronteira de Bangladesh, no subcontinente indiano, na Ásia). 2. diferentes processos nas Ciências Sociais: 321, um caso de “formas de organização política”, 331.556.48 (“trabalhadores que cruzam fronteiras”), 342 (“direito administrativo público”), 343.343 (direito criminal, migrações ilegais) etc. 3. temas da Matemática e das Ciências Naturais (na Química, como “fronteiras de grão”, 544.022.344.2) etc. (AENOR, 2004).

Tabela 1 – Estados em que atuam os pesquisadores que responderam o Questionário para Experts em Estudos Fronteiriços

UF/Província, País	Situa-se na Fronteira Internacional	Quantidade
Rio Grande do Sul, BRA	SIM	25
Mato Grosso do Sul, BRA	SIM	10
Paraná, BRA	SIM	5
Rio de Janeiro, BRA	NÃO	5
Amapá, BRA	SIM	3
Roraima, BRA	SIM	3
Amazonas, BRA	SIM	2
São Paulo, BRA	NÃO	2
Minas Gerais, BRA	NÃO	1
Misiones, ARG	SIM	1
Pará, BRA	SIM	1
Rio Grande do Norte, BRA	NÃO	1
	Situam-se na fronteira: 50 Não se situam na fronteira: 09	

Fonte: Dorfman, Monte Mezzo e França (2015, p. 71).

Uma simples observação da Tabela 1 mostra que 49 dos respondentes vivem em estados fronteiriços brasileiros, comparados com 09 atuantes em estados que não se situam na faixa de fronteira.

Tabela 2 – Cidade em que atuam os pesquisadores que responderam o Questionário para Experts em Estudos Fronteiriços

Município, Estado, País	Faixa de Fronteira	Quantidade
Porto Alegre, RS, BRA	NÃO	15
Corumbá, MS, BRA	SIM	5
Rio de Janeiro, RJ, BRA	NÃO	4
Boa Vista, RR, BRA	SIM	3
Dourados, MS, BRA	SIM	3
Macapá, AP, BRA	NÃO	3
Campo Grande, MT, BRA	NÃO	2
M.C. Rondon, PR, BRA	SIM	2
Manaus, AM, BRA	NÃO	2
M.C. Rondon e Ponta Grossa, PR, BRA	SIM	2
Santa Maria, RS, BRA	NÃO	2
Sant'Ana do Livramento, RS, BRA	SIM	2

Santo Ângelo, RS, BRA	SIM	2
São Borja, RS, BRA	SIM	2
Toledo, PR, BRA	SIM	2
Angra dos Reis, RJ, BRA	NÃO	1
Bagé, RS, BRA	SIM	1
Belém, PA, BRA	NÃO	1
Belo Horizonte, MG, BRA	NÃO	1
Campinas, SP, BRA	NÃO	1
Curitiba, PR, BRA	NÃO	1
Foz do Iguaçu, PR, BRA	SIM	1
Guaíra, PR, BRA	SIM	1
Lima, PER	NÃO	1
Natal, RN, BRA	NÃO	1
Pelotas, RS, BRA	SIM	1
Posadas, ARG	SIM	1
São Paulo, SP, BRA	NÃO	1
	Na faixa de fronteira: 28	Fora da faixa de fronteira: 38

Fonte: Dorfman, Monte Mezzo e França (2015, p. 72).

Um detalhamento do lugar de atuação dos pesquisadores mostra que a maioria vive em cidades fora da faixa de fronteira (38 dentre 66 respondentes assim o indicaram).

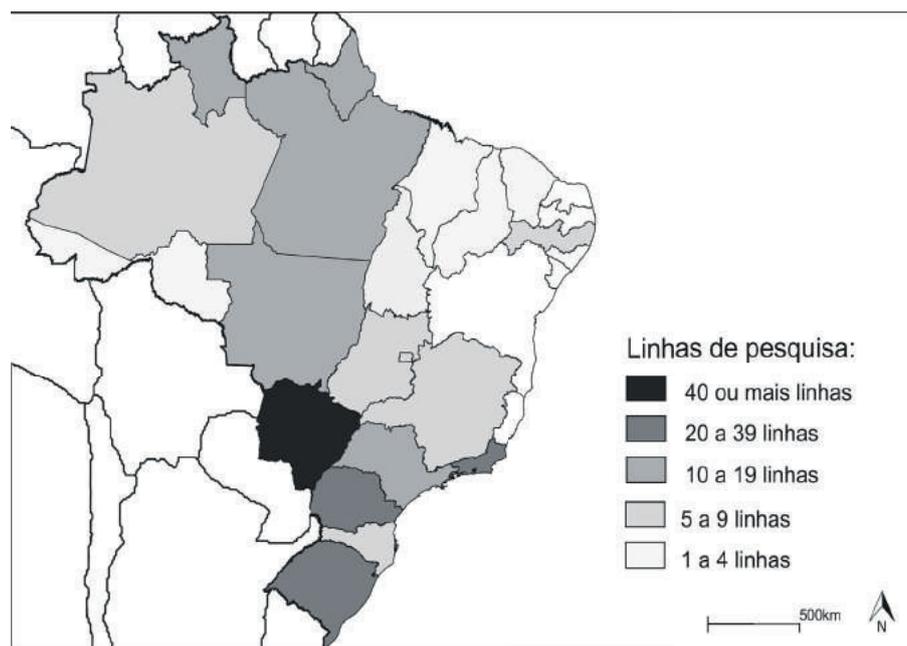
Algumas interpretações surgem do exame das Tabelas 1 e 2⁵. Enquanto a maioria dos pesquisadores está situada em estados fronteiriços, grande parte não vive em um município fronteiriço. Isto se explica por uma série de razões, algumas das quais representam aspectos positivos da relação fronteira/pesquisa. A primeira razão é a provocação do contexto, isto é, a grande interrogação que as fronteiras colocam cotidianamente aos pressupostos nacionais em termos de normas, infraestrutura, cultura etc. A provocação do contexto se traduz no interesse daqueles que estão na faixa ou em estados fronteiriços e se expressa nas linhas de pesquisa presentes nas instituições de ensino superior (IES), em seus programas de pós-graduação. Como aspecto limitante da relação fronteira geográfica/produção científica, aparecem os recursos financeiros limitados que acabam por condicionar as opções de tema e método. Assim, os pesquisadores tendem a dedicar-se a objetos próximos de suas universidades, com métodos pouco dispendiosos. Os estudos elaborados sobre suas regiões voltam-se a promover o desenvolvimento das mesmas e ao reconhecimento da diversidade em condição fronteiriça.

A segunda razão é que as universidades em cidades na linha de fronteira são recentes, de modo que a produção de IES como a Unipampa e a Unila – no Rio Grande do Sul e no Paraná, respectivamente – ainda não pode ser claramente percebida. Na mesma direção, a maioria dos centros de pesquisa bem-estabelecidos está em capitais ou centro regionais das UF, e não em suas cidades periféricas, fronteiriças.

5 Ainda que tenhamos usado uma base “neutra” – o Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq –, é provável que as relações pessoais tenham influenciado na disposição dos pesquisadores para responder ao questionário enviado. Temos claro que nossa análise está influenciada por elementos como a situação geográfica e as redes de colaboração já estabelecidas pelos proponentes do questionário.

A recente dispersão universitária no Brasil se manifesta, porém, na análise da distribuição das linhas de pesquisa. No Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq, buscamos as linhas de pesquisa que têm “fronteira” como palavra-chave. Analisando os 313 resultados obtidos, excluímos 58 linhas – em geral ligadas à Matemática ou à Química – que não se relacionavam com fronteiras territoriais. Consideramos a distribuição espacial das 255 restantes. O mapa que segue expressa, por estado, tal distribuição (Figura 1).

Figura 1 – Brasil: distribuição por estado das linhas de pesquisa com a palavra-chave “fronteira” – 2014



Fonte: CNPq (2014). Elaboração de Dorfman, Monte Mezzo e França (2015). Shape de Felipe Menegaz, via Wikicommons, 2015.

O Mato Grosso do Sul destaca-se com 44 linhas de pesquisa dedicadas ao tema, em especial na UFMS (27) e na UFGD (12 linhas). O Rio Grande do Sul (Unipampa, 14 linhas; UFRGS, 07), o Paraná (Unioeste, 12 linhas; Unila, 08; UEM, 06) e o Rio de Janeiro (UFF, 06; UFRJ, 05; e UERJ, 05 linhas de pesquisa) têm expressiva produção. Amapá (14 linhas, todas na Unifap), Mato Grosso (14 linhas, sendo 06 na UFMT e 05 na Unemat), Roraima (11 linhas na UFRR), São Paulo (Unicamp, 05 linhas; USP, 04) e Pará (especialmente a UFPA, com 09 linhas de pesquisa) também são importantes nesse panorama⁶.

⁶ As siglas referem-se, respectivamente, a:

- Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS, com campi em Aquidauana, Bonito, Campo Grande, Chapadão do Sul, Corumbá, Coxim, Naviraí, Nova Andradina, Paranaíba, Ponta Porã e Três Lagoas);
- Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD, em Dourados);
- Universidade Federal do Pampa (Unipampa, com campi em Alegrete, Bagé, Caçapava do Sul, Dom Pedrito, Itaquí, Jaguarão, Sant’Ana do Livramento, São Borja, São Gabriel e Uruguaiana);
- Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, com campi em Porto Alegre e Tramandaí);
- Universidade Federal do Oeste do Paraná (Unioeste, com campi em Cascavel, Francisco Beltrão, Foz do Iguaçu, Mal. Cândido Rondon e Toledo);
- Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila, em Foz do Iguaçu);
- Universidade Estadual de Maringá (UEM, em Cianorte, Cidade Gaúcha, Diamante do Norte, Goioerê, Ivaiporã, Maringá

Como conclusões sobre a distribuição espacial das pesquisas sobre o tema, podemos afirmar que, em sua maioria, os estudos se concentram nos estados de fronteira, como a distribuição dos pesquisadores já indicava. Indo além, pode-se afirmar que uma parte relevante da pesquisa, ainda que não a maioria, se desenvolve nos muitos *campi* fronteiriços das instituições mais produtivas.

Podemos relacionar a difusão espacial do sistema universitário brasileiro com a localização das linhas de pesquisa dedicadas ao tema *fronteiras*, pois as novas universidades situam-se nas periferias agora inseridas no sistema federal de ensino superior e têm sua produção registrada no Diretório do CNPq (COSTA, 2015). Por fim, sabe-se que as políticas federais induziram a um aumento no número de trabalhos dedicados ao tema, expresso na produção sul-mato-grossense, especialmente aquela ligada ao Mestrado Interdisciplinar de Estudos Fronteiriços no *campus* Pantanal da UFMS (COSTA; OLIVEIRA, 2012, p. 28).

A produção não é concentrada, pois o centro com maior número de linhas de pesquisa (a UFMS) representa cerca de 10% do total. A dispersão da produção se relaciona com a própria característica geográfica do objeto em pauta: a condição periférica e regional da fronteira implica frequentemente abordagens localizadas e de restrita circulação (PORTO, 2014). Tal configuração impacta no trabalho dos pesquisadores, dificultando a revisão bibliográfica e gerando uma relação vertical com enfoques originados em autores estrangeiros, cuja realidade muitas vezes difere daquela vivida em nosso país.

Cabe lembrar que as fronteiras são estruturais aos territórios estatais, assim como a territórios em múltiplas escalas. A ascensão da discussão sobre espaço e território, o chamado *spatial turn*, carrega junto a fronteira para o topo da lista de debates.

Topologias dos Estudos Fronteiriços: o centro e as colindâncias

O processo de desenvolvimento do Unbral Fronteiras permitiu realizar estudos de ocorrência de palavras nos trabalhos analisados, apontando os termos mais frequentemente utilizados nos títulos de artigos científicos e linhas de pesquisa. Usamos o termo topologia para indicar essas concentrações de palavras e suas margens.

Semeler, Santos e Soares (2015), ao analisarem os títulos de artigos contidos no Unbral Fronteiras publicados em periódicos entre 2003 e 2013 (606 no total), elaboraram um ranking das 20 palavras mais frequentes⁷, que reproduzimos abaixo:

e Umuarama);

- Universidade Federal Fluminense (UFF, com campi em Angra dos Reis, Campos de Goytacazes, Itaperuna, Macaé, Miracema, Niterói, Nova Friburgo, Rio das Ostras, Santo Antônio de Pádua, Volta Redonda, Oriziminá, PA e Petrópolis);
- Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com campi em Macaé e no Rio de Janeiro);
- Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com campi em Duque de Caxias, Ilha Grande, Nova Friburgo, Resende, Rio de Janeiro, São Gonçalo e Teresópolis);
- Universidade Federal do Amapá (Unifap, com campi em Macapá, Mazagão, Oiapoque e Santana);
- Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT, situada em Cuiabá, Médio Araguaia, Rondonópolis e Sinop);
- Universidade Estadual do Mato Grosso (Unemat, nas cidades de Alta Floresta, Alto Araguaia, Barra dos Bugres, Cáceres, Colider, Diamantino, Juara, Luciara, Nova Mutum, Nova Xavantina, Pontes e Lacerda, Sinop e Tangará da Serra);
- Universidade Federal de Roraima (UFRR, atuante em Boa Vista e Monte Cristo);
- Universidade Estadual de Campinas (Unicamp, com campi em Campinas, Limeira, Paulínia e Piracicaba);
- Universidade Estadual de São Paulo (USP, com campi em São Paulo, Bauru, Lorena, Piracicaba, Pirassununga, Ribeirão Preto, Santos e São Carlos);
- Universidade Federal do Pará (UFPA, presente nas cidades de Abaetetuba, Altamira, Ananindeua, Belém, Bragança, Breves, Cametá, Capanema, Castanhal, Salinópolis, Soure e Tucuruí).

⁷ Realizaram-se as seguintes operações de normalização das palavras: hifenização de expressões idiomáticas (Rio de Janeiro torna-se Rio-de-Janeiro); exclusão de *stopwords* (palavras irrelevantes no âmbito desta pesquisa, como artigos, preposições, conjunções, pronomes, entre outras) (SEMELER; SANTOS; SOARES, 2015). Além disso, agrupamos o singular e o plural de substantivos.

Tabela 3 – Ranking das palavras mais frequentes em títulos de artigos publicados em periódicos entre 2003 e 2013

Rank	Palavra	Rank	Palavra
1	Brasil	11	Paraná
2	fronteira	12	região
3	território	13	integração
4	fronteiras	14	relações
5	política	15	Argentina
6	regional	16	brasileira
7	turismo	17	processo
8	Paraguai	18	espaço
9	análise	19	identidade
10	estudo	20	Mato Grosso do Sul

Fonte: Adaptado de Semeler, Santos e Soares (2015).

Paralelamente, é possível analisar os títulos das linhas de pesquisa que contêm como palavra-chave o termo fronteira. Empregamos o mesmo critério de limpeza e seleção das linhas pertinentes usado na confecção da Figura 1 e da Tabela 3 e obtivemos a seguinte nuvem de palavras (Figura 2), em que as maiores frequências são representadas pelo tamanho da fonte.

Três tipos de palavras aparecem na nuvem gerada a partir da frequência nos nomes das linhas de pesquisa, assim como no ranking formado pela análise dos títulos dos artigos publicados nos periódicos. O primeiro tipo refere-se a conceitos abrangentes utilizados frequentemente nos estudos de âmbitos da sociedade tematizados pelas Ciências Humanas. Aí se enquadram identidades/identidade, cultura/culturas, política, território/territórios, migrações/migração, turismo, história, saúde. Na segunda faixa de frequência encontramos processos ligados à gestão das fronteiras e aos processos de investigação, tais como instituições, políticas/políticas públicas, gestão, relações sociais, relações internacionais, relações, redes, estudo, representações, linguagens, literatura, direito internacional, integração regional etc. Temos uma representação do pertencimento disciplinar dos pesquisadores de Estudos Fronteiriços, assim como das principais políticas e problemáticas presentes nas fronteiras brasileiras.

O terceiro grupo de palavras faz referência a topônimos, entre os quais se destacam Amazônia, Brasil, Mato Grosso do Sul, Tríplice Fronteira, Rio Grande do Sul, América Latina, Américas, Prata, refletindo a distribuição espacial dos centros de pesquisa (conforme descrita no mapa da Figura 1). Para além da situação das instituições, representa-se uma geografia da fronteira com seus polos econômico-culturais e seus vazios em regiões menos dinâmicas. Por fim, cabe destacar a variedade de termos usados para descrever a fronteira: fronteiras internacionais, espaços fronteiriços, espaço de fronteira, áreas de fronteira, entre outros.

Figura 2 – Mapa de palavras em destaque nas linhas de pesquisa de grupos cadastrados com “fronteira” como palavra-chave

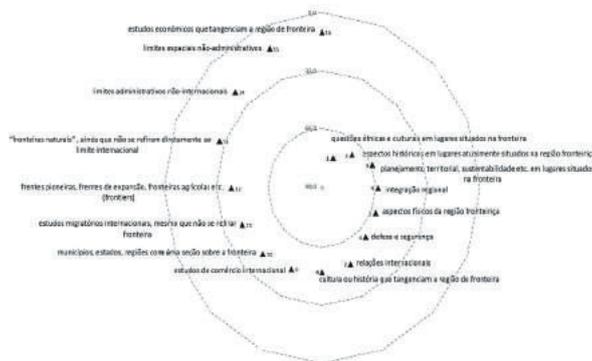


Fonte: CNPq (2014). Elaborado via Wordscloud.com por Dorfman, Monte Mezzo e França (2015).

Após analisar as palavras mais empregadas nas linhas de pesquisa, cabe descrever os limites do campo de estudos, estabelecidos com base no Questionário para Experts sobre Estudos Fronteiriços e representados na Figura 3. Esse questionário apresentava 23 perguntas objetivas respondidas numa escala que varia entre o total acordo e o total desacordo (LIKERT, 1932)⁸. Partindo do pressuposto de que o centro do objeto são as fronteiras internacionais, buscava-se esclarecer as vizinhanças desse campo de estudos, a partir de suas relações com temas como:

- diferentes tipos de limites espaciais (limites não-internacionais como fronteiras urbanas, limites entre entes federados, estudos de portos e fronteiras marítimas);
 - estudos cujo objeto está na região fronteiriça, mas em que a fronteira não é a questão central, como etnografias, estudos da natureza e estudos sobre infraestruturas;
 - estudos sobre migrações, comércio internacional, turismo e outras questões sociais e econômicas que não necessariamente têm a questão fronteiriça no centro da análise, mas que a ela se relacionam; e
 - estudos sobre frentes de expansão, fronteiras agrícolas ou *frontiers*.
- A análise do questionário revelou a seguinte topologia.

Figura 3 – Frequência de concordância com a inclusão de temas nos Estudos Fronteiriços



Fonte: Questionário para Experts em Estudos Fronteiriços, 2014. Elaboração de Dorfman, Monte Mezzo e França (2015).

Os círculos representam três níveis de percepção sobre os objetos lindantes ao estudo das fronteiras internacionais territorializadas: no primeiro círculo estão os temas que a maioria 8 A introdução das perguntas era: “Os seguintes estudos devem ser considerados Estudos Fronteiriços e incluídos numa base de dados sobre o tema?”, ao que se seguiam afirmativas como “Estudos relacionados a limites espaciais administrativos não-internacionais (limites entre estados, entre regiões, processos emancipatórios etc.)”, “Estudos relacionados a limites espaciais não-administrativos (fraturas urbanas, segregação urbana etc.)” ou “Estudos relacionados a aspectos históricos (arqueológicos, povoamento, folclore etc.) de lugares atualmente situados na região fronteiriça, ainda que não abordem a construção do limite internacional?”.

dos respondentes avalia como pertinentes aos Estudos Fronteiriços; no segundo círculo, a maioria das respostas indica alguma relação com o tema; no círculo exterior aparecem temas controversos, considerados pertinentes por parte dos respondentes, mas rejeitados por outra parte.

Questões étnicas e culturais, aspectos históricos e temas ligados à gestão do território são considerados como muito próximos ao núcleo temático pela maioria dos pesquisadores. Objetos clássicos, como integração regional, estudos físicos, defesa e segurança, relações, comércio e migrações internacionais, assim como frentes pioneiras são vistos como significativamente relacionados ao tema, ainda que não se confundam com ele. Temas como limites administrativos não-estatais e limites espaciais não-administrativos foram considerados muito pertinentes aos Estudos Fronteiriços por parte dos entrevistados, mas foram fortemente rejeitados por outros, ficando, portanto, em situação marginal no campo que se desenha aqui, possivelmente por tratarem-se de temas emergentes. Uma análise temporal da produção permitiria descrever tendências temáticas.

Os Estudos Fronteiriços no Brasil: paradigmas num campo multidisciplinar

Ainda que não seja possível examinar profundamente tendências teóricas nesse breve artigo, nos afastamos das metodologias quantitativas empregadas para apontar que a bibliografia contemporânea dos Estudos Fronteiriços brasileiros organizada na base de dados do Unbral Fronteiras parece estruturar-se em torno do paradigma que o trabalho de Lia Osório Machado mostrou ser: “Limites, fronteiras e redes” (1998) parte da clássica oposição entre fronteira como zona e contato, limite como linha e ruptura, e acrescenta a rede para tornar tais descrições dinâmicas, ligadas à produção de sistemas territoriais locais, estatais ou transnacionais. Essa tríade conceitual é amplamente empregada, e o artigo é frequentemente citado.

Em 2005, com a publicação da Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira (PDFF) (BRASIL, 2005) e posteriores atualizações, uma regionalização aparece e ganha circulação. Surgem os arcos e sub-regiões, as cidades-gêmeas ganham notoriedade, a própria ideia de faixa de fronteira se impregna nas leituras espaciais do objeto por estudiosos, políticos, população fronteiriça e todos os que tomam contato com essa discussão.

É interessante notar que, no campo teórico, os centros políticos e culturais do Brasil são restituídos, haja vista a importância do Grupo Retis como consultor de políticas públicas e construtor de teorias de grande repercussão⁹. Evidentemente, os polos consagrados na produção de teoria (francófonos, especialmente) continuam referenciais para a pesquisa brasileira¹⁰.

Os Estudos Fronteiriços contemporâneos no nosso país ficaram marcados pela construção da integração, como podemos ver no exame das temáticas predominantes. A

9 Segundo sua página na internet, “O Grupo Retis, formado por pesquisadores-doutores, doutorandos, mestres, mestrands e bolsistas de iniciação científica, atua desde 1994 no Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com apoio do CNPq, da FINEP, da FAPERJ e do CEPG/UFRJ e com a participação de pesquisadores associados de outras instituições”. As principais linhas de pesquisa do grupo são: Geografia das drogas ilícitas e do sistema bancário-financeiro global; Geopolítica da segurança e da defesa; Limites e fronteiras internacionais; Pensamento geográfico e organização do território; Redes, território e governo local na Amazônia (GRUPO RETIS, 2016).

10 Cabe citar a análise bibliométrica de Gregory Hamez, comparando os Estudos Fronteiriços francófonos e anglófonos: o trabalho de Anssi Paasi, geógrafo sueco amplamente citado na literatura em inglês é praticamente ausente da produção brasileira sobre fronteiras (HAMEZ, 2015).

constelação conceitual e a regionalização proposta no PDFF são compreendidas por todos os produtores de conteúdo e empregadas pela maioria. Discussões sobre geopolítica e segurança são pouco presentes na nossa coleção, mas aparecem entre os temas emergentes, o que nos leva a supor que já estamos sentindo os efeitos do Plano Estratégico para a Fronteira, de 2011 (BRASIL, 2005; DORFMAN; FRANÇA; CORSEUIL, 2013; DORFMAN, 2015), sobre a fronteira e seu estudo. Podemos concluir que há uma grande correlação entre as políticas nacionais para a fronteira e os temas abordados na produção brasileira sobre esse objeto.

A ideia de espaços vazios tem extrema relevância no contexto brasileiro. A concepção turneriana de fronteira como frente de expansão (KNAUSS, 2004), ligada aos processos de expansão territorial internos ao estado, também é difundida no campo.

Ainda que haja uma certa tradição de estudos sobre a região fronteira brasileira (SPRANDEL, 2005), não é possível afirmar que haja um *corpus* teórico comum. Quando se trata de derivações e emergências teóricas como fronteirização, transfronteirização, fronteiridades e correlatos, tampouco há consenso. Também no que diz respeito à metodologia, há imensa divergência. Pode-se justificar tal distribuição a partir da reivindicação de interdisciplinaridade, o que de fato é constatado na análise da formação dos pesquisadores identificados nos levantamentos para a construção do Portal Unbral Fronteiras (Tabela 4).

Tabela 4 – Ocupação/pertencimento disciplinar dos Experts em Estudos Fronteiriços

Professor, Professora, Docente, Professora Aposentada	34
Geógrafo	10
Antropóloga	4
Arquiteta e Urbanista	3
Estudante	3
Demógrafo	1
Jornalista	1
Assistente Social	1
Administrador	1
Historiador	1
Técnica em Assuntos Educacionais	1
Policial Militar	1
Médico Veterinário/Acadêmico de Relações Internacionais	1
Servidor Público Federal	1
Professora e Pesquisadora	1
Sociólogo	1
Total	64

Fonte dos dados: Questionário para Experts em Estudos Fronteiriços, 2014. Elaborado por Maicon Pinheiro em 2014.

A diversidade de enquadramento temático presente na CDU está aqui explicada. A taxonomia das fronteiras contemporâneas que pode emergir de uma análise dos Estudos Fronteiriços produzidos no Brasil não desenha uma disciplina específica, mas um campo de

estudos múltiplo em métodos, conceitos e interfaces.

Os Estudos Fronteiriços no Brasil: um campo emergente

Por vezes pareceria que os Estudos Fronteiriços são um campo construído mais a partir de um vocabulário do que de um sistema conceitual, como diria Milton Santos (2004). Cremos que é o objeto espacial que se impõe na discussão nesse campo, em conjunto com algumas formas de institucionalização: produção bibliográfica com diálogo interno, programas de pós-graduação e linhas de pesquisa, eventos, cursos em diferentes universidades etc.

Evidentemente, não estamos tratando de uma disciplina. Michel Foucault (2001, p. 30) afirma que “uma disciplina se define por um domínio de objetos, um conjunto de métodos, um *corpus* de proposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras e definições, de técnicas e de instrumentos”. Assim, a Botânica, por exemplo, não é um conjunto de verdades sobre plantas, assim como os Estudos Fronteiriços, como disciplina, não poderiam ser um conjunto de enunciados sobre as fronteiras, e deveriam “utilizar instrumentos conceituais ou técnicas de um tipo bem definido [...] e inscrever-se em um certo horizonte teórico” (FOUCAULT, 2001, p. 32-33). Seguimos em construção multidisciplinar, distantes de uma metodologia unificada.

Boaventura de Souza Santos aponta, como características desejadas em uma ordem científica emergente e pós-moderna que 1. o conhecimento científico-natural seja científico-social, 2. local e total, 3. baseado em autoconhecimento e 4. visando constituir-se em senso comum. Os Estudos Fronteiriços brasileiros, conforme descritos aqui, encaixam-se perfeitamente nessa nova ordem, uma vez que de fato reúnem especialistas de diferentes campos teóricos em torno de objetos locais e experimentados no cotidiano, procurando construir pontes entre as manifestações específicas e teorias mais abrangentes, não como senso comum, mas como tentativas de prescrição para políticas de reconhecimento da diversidade presente na fronteira (SANTOS, 1988).

Respondendo à provocação do contexto, beneficiados pela difusão da universidade pública para as margens do território e dialogando com as políticas públicas, nos inserimos nas tendências contemporâneas da ciência. Esse objeto de estudos único e multifacetado, cuja produção tematiza e emana da periferia do território estatal, não deve ser descrito como uma narrativa de desencontros. A grandeza territorial das fronteiras brasileiras se expressa em nossa produção emergente, situada e comprometida.

Referências

AENOR – ASOCIACIÓN ESPAÑOLA DE NORMALIZACIÓN Y CERTIFICACIÓN. **Clasificación Universal Decimal (CDU) Abreviada**. 2. ed. Madrid: Aenor, 2004.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Secretaria de Programas Regionais. Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira. **Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira**. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2005. Disponível em: <<http://www.retis.igeo.ufrj.br/wp-content/uploads/2005-livro-PDFF.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2011.

CNPQ – CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil, 2014. Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf>. Acesso em: 27 nov. 2015.

COSTA, G. V. L. da; OLIVEIRA, M. A. M. de. Mestrado interdisciplinar em Estudos Fronteiriços/UFMS: perspectivas, discussões e pesquisas. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 4, n. 6, p. 27-44, jan./jul. 2012. Disponível em: <<http://www.fecilcam.br/revista/index.php/nupem/article/viewFile/213/161>>. Acesso em: 30 nov. 2015.

COSTA, S. O. da. **A Unipampa em condição fronteiriça**: a organização comunicada nos sites de Jaguarão e Sant'Ana do Livramento. 2015. 145 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Fabico, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/117442>>. Acesso em: 01 dez. 2015.

DORFMAN, A. Enafon e suas materializações no Rio Grande do Sul. In: MALLMANN, M. I.; MARQUES, T. C. S. (Orgs.). **Fronteiras e relações Brasil-Uruguai**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Pdf/978-85-397-0691-4.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2015.

DORFMAN, A.; FRANÇA, A. B. C.; CORSEUIL, L. S. A expansão e a repressão por imagens: uma discussão situada na fronteira Brasil-Uruguai. **Terra Livre**, ano 29, v. 1, n. 40, p. 43-65, 2013. Disponível em: <<http://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/view/453/428>>. Acesso em: 16 nov. 2015.

DORFMAN, A.; MONTE MEZZO, V.; FRANÇA, A. B. C. Circunscrição Temática do Unbral Fronteiras a partir da Análise do Questionário para Experts em Estudos Fronteiriços. In: DORFMAN, A. (Org.). **Anuário Unbral das Fronteiras Brasileiras 2014**. Porto Alegre: Letra1; IGEO/UFRGS, 2015. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/igeo/ig/arquivo/Anuario_Unbral_WEB.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2015.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2001.

GRUPO RETIS. Página oficial do Grupo Retis na internet. Disponível em: <<http://www.retis.igeo.ufrj.br/>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

HAMEZ, G. **Pour une analyse géographique des espaces transfrontaliers**: Contribution théorique et méthodologique. v. 1. Mémoire d'Habilitation à Diriger des Recherches. Rouen: [s.n.], 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/285601148_Habilitation_a_Diriger_des_Recherches_Pour_une_analyse_geographique_des_espaces_transfrontaliers_Contribution_theorique_et_methodologique_Volume_1_volume_scientifique_inedit>. Acesso em: 12 dez 2015.

KNAUSS, P. (Org). **Oeste americano**: quatro ensaios de história dos Estados Unidos de Frederick Jackson Turner. Niterói: EdUFF, 2004.

LIKERT, R. A Technique for the Measurement of Attitudes. **Archives of Psychology**, v. 140, p. 1-55, 1932.

MACHADO, L. O. Limites, fronteiras, redes. In: STROHAECKER, T. M. et al. (Orgs.). **Fronteiras e espaço global**. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1998.

PORTO, J. L. R. A construção da condição fronteiriça do oeste amapaense (1947-2014). **Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional**, v. 2, p. 145-173, 2014.

SANTOS, B. de S. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 46-71, ago. 1988. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340141988000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 jan. 2016.

SANTOS, M. **Testamento intelectual**. Entrevistado por Jesus de Paula Assis; colaboração de Maria da Conceição Sposito. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

SEMELER, A. R.; SANTOS, R. A. dos; SOARES, K. U. Análise de domínio aplicada aos Estudos Fronteiriços Brasileiros: metadados de publicações científicas de acesso aberto extraídos da Plataforma Lattes. In: DORFMAN, A. (Org.). **Anuário Unbral das Fronteiras Brasileiras 2014**. Porto Alegre: Letra1; IGEO/UFRGS, 2015. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/igeo/ig/arquivo/Anuario_Unbral_WEB.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2015.

SPRANDEL, M. A. Breve genealogia sobre os estudos de fronteiras e limites no Brasil. In: OLIVEIRA, R. C. de; BAINES, S. G. (Orgs.). **Nacionalidade e etnicidade em fronteiras**. v. 1. Brasília: Editora UNB, 2005.